

**A SIMULAÇÃO DA MORTE DO MODERNO MICHEL DE MONTAIGNE É UM
TRABALHO DE LUTO PARA O “PÓS-MODERNO” BYUNG-CHUL HAN**

Leitura e apontamentos preliminares de uma tentativa de diálogo

**THE SIMULATION OF THE DEATH OF THE MODERN MICHEL DE
MONTAIGNE IS A WORK OF MOURNING FOR THE “POST-MODERN”
BYUNG-CHUL HAN**

Reading and preliminary notes of a dialogue attempt

Gladson Cunha*

RESUMO

A morte é uma das temáticas da filosofia e, ao longo do seu desenvolvimento no ocidente, vários foram os pensadores que se dedicaram a estudá-la. O interesse deste trabalho é investigar, ainda que de maneira introdutória, os possíveis pontos de contato entre a produção do moderno Michel de Montaigne, criador do método ensaístico, e Byung-Chul Han, filósofo “pós-moderno” e dedicado ao uso de ensaios para divulgação de sua produção intelectual. Ambos discutem a morte como um dos temas das suas reflexões. O objetivo deste trabalho é analisar, à luz do pensamento de Byung-Chul Han, a ideia da simulação da morte presente na camada A dos *Ensaíos* de Michel de Montaigne, mais especificamente L1.18-20. Ponto que procuraremos demonstrar é que, diante da percepção haniana, a simulação da morte no primeiro Montaigne se enquadraria dentro do esquema que o filósofo sul-coreano tem denominado de trabalho de luto, do alemão *Trauerarbeit*, por ser uma forma de mitigação da morte, que procuraria, de alguma forma, “matar a morte”.

PALAVRAS-CHAVE

Simulação da Morte. Trabalho de Luto. Montaigne. Byung-Chul Han. Diálogo.

ABSTRACT

Death is one of the themes of philosophy and, throughout its development in the West, several thinkers dedicated themselves to studying it. The interest of this work is to investigate, albeit in an introductory way, the possible points of contact between the production of the modern Michel de Montaigne, creator of the essay method, and Byung-Chul Han, a “post-modern” philosopher dedicated to the use of essays to publicize his intellectual production. Both discuss death as one of the themes of their reflections. The objective of this work is to analyze, in light of Byung-Chul Han's thoughts, the idea of simulating death present in layer A of Michel de Montaigne's *Essays*, more specifically L1.18-20. The point we will try to demonstrate is that, given the Hanian perception, the simulation of death in the first Montaigne would fit within the scheme that the South Korean philosopher has called work of mourning, from the German *Trauerarbeit*, as it is a form of mitigating death, that would seek, in some way, to “kill death”.

* Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Coordenador e Professor da graduação em Teologia da Faculdade Brasileira Cristã (FBC)
E-mail: gladsoncunha@gmail.com

KEYWORDS

Simulation of Death. Mourning Work. Montaigne. Byung-Chul Han. Dialogue.

INTRODUÇÃO

Ao considerar a morte de um ponto de vista biofisiológico, é fato que ela afeta a todos os seres vivos, consistindo tão-somente da cessação da vida¹. Todavia, quando a morte é tomada como objeto do estudo e reflexão filosófica, essa aparente simplicidade da temática mortuária desaparece, surgindo uma gama interpretativa variada acerca dos sentidos possíveis para a morte, bem como para uma série de outras temas que lhe são corolários e subjacentes².

Aqueles filósofos que se interessaram, em seu próprio tempo, em refletir sobre a morte e sobre os temas corolários, trouxeram as suas próprias contribuições, às vezes, divergentes entre si, outras complementares e mesmo dependentes de outras. Em alguns casos, algumas dessas compreensões faziam parte do senso comum; outras foram agregadas a ele. O fato é que, aceitas ou rejeitadas, essas contribuições tiveram algum impacto sobre o seu tempo, ainda que para serem desdenhadas. Mas qual seria o resultado da confrontação de dois filósofos distanciados entre si por um pouco mais de quatro séculos? Em que divergiriam? Em que concordariam? Haveria pontos de contato? É essa tentativa de diálogo que se buscará neste trabalho.

O objetivo deste trabalho é analisar, à luz do pensamento de Byung-Chul Han, a ideia da simulação da morte presente na camada A dos *Ensaio*s de Michel de Montaigne, mais especificamente L1.18-20. Ponto que procuraremos demonstrar é que, diante da percepção haniana, a simulação da morte no primeiro Montaigne se enquadraria dentro do esquema que o filósofo sul-coreano tem denominado de trabalho de luto, do alemão *Trauerarbeit*, por ser uma forma de mitigação da morte, que procuraria, de alguma forma, “matar a morte”³.

Como faremos isso? Primeiramente, descreveremos o conceito de simulação da morte presente no primeiro Montaigne, considerando apenas a camada A de alguns textos, já especificados nos *Ensaio*s, Livro 1. O segundo passo será uma apresentação do conceito de trabalho de luto de Han, tento como delimitação as quatro primeiras obras do filósofo sul-coreano⁴, fazendo os apontamentos

¹ Cf. BRUGGER, 1962, p.357.

² Cf. ABBAGNANO, 2007, pp.683-685.

³ HAN, 2022a, p.22.

⁴ Particularmente, divido o trabalho de Byung-Chul Han em dois períodos. O segundo Han é o mais conhecido, que iniciou com a publicação de *Hiperculturalidade* (2005), na qual o autor inicia sua fase de crítica cultural. Como é sabido, foi a publicação de *Sociedade do Cansaço* (2007), que lançou Han ao grande público, tornando os textos anteriores conhecidos e incentivando a escrita quase compulsória de novos. De maneira geral, trata-se de textos pequenos e pouco rebuscados, embora, exija do leitor certa “iniciação” na leitura e estudo de textos de filosofia. O primeiro Han, entretanto, se distingue dessas características e por se tratar de textos academicamente mais complexos. Esse período se estende entre 1996 e 2005. Nesse período, os quatro primeiros livros são os que mais apresentam o Han acadêmico, são eles: (1) *Heideggers Herz* (1996), sem tradução para o português, que é a tese doutoral de Han que versa sobre as emoções em Heidegger, (2) *Todesarten* (1998), traduzido para o português como *Rostos da Morte*, no qual Han procura descrever algumas formas de manifestação “intravital” da morte a partir de alguns filósofos com os quais procura dialogar, demonstrando o modo como esses pensadores lidaram com a ideia da morte; (3) *Martin Heidegger: Eine Einführung* (1999), também sem tradução para o português, e como o título sugere, é uma introdução aos principais temas heideggerianos, os quais o próprio Han trata de interpretar e assimilar em seu pensamento e, por fim, (4) *Tod und Alterität* (2002), traduzido para o português

necessários para esclarecê-los ao leitor. Por fim, procuraremos demonstrar o como e o porquê do conceito de Montaigne poder ser enquadrado como um trabalho de luto, algo que, segundo Han, apenas intensificaria ainda mais a angústia da dinâmica da morte.

1 A SIMULAÇÃO DA MORTE COMO PARTE DA PREPARAÇÃO MONTAGNIANA DA MORTE

A morte está presente nos *Ensaio*s de Michel de Montaigne como um tema recorrente. Seja nas primeiras linhas que advertem o leitor de suas intenções⁵, seja em ensaios específicos sobre o tema, em certa medida seria quase possível afirmar, pelo menos para um leitor iniciante, que os *Ensaio*s são uma espécie de epitáfio em forma literária.

Assim, a temática macabra presente nos *Ensaio*s de Montaigne assume algumas demandas de caráter prático. Uma dessas manifestações tem a ver com a ideia de uma preparação para a morte. Montaigne dedicou-se a elaboração de estratégias argumentativas e outras ações para eliminar o medo da morte⁶. De imediato, se percebe nessa elaboração a influência estoica no pensamento do prefeito de Bourdeaux⁷. Para ele, a filosofia tinha como um dos seus grandes objetivos fazer que o sujeito que a ela se dedicasse fosse capaz de melhor enfrentar a morte. Neste sentido e recorrendo a Cícero e reafirmando-o, Montaigne afirmou que

filosofar não é outra coisa senão preparar-se para a morte. Isso, talvez, porque o estudo e a contemplação tiram a alma para fora de nós, separam-na do corpo, o que, em suma, se assemelha à morte e constitui como que um aprendizado em vista dela⁸.

Nessa breve passagem, Montaigne relaciona o filosofar com a morte, apresentando uma similaridade entre ambos, isto é, lançar a alma ou a mente para uma dimensão em que seja possível contemplar a realidade do existir humano, ao menos é o que pode se fazer ao refletir filosoficamente sobre a vida. Aliadas as duas, filosofia e morte, o seu resultado seria também pedagógico ao instruir os seres humanos a lidar com a sua própria existência. A essa ideia de que filosofar é preparar-se para a morte, Montaigne dedicou todo um dos seus ensaios, afinal, se “a meta de nossa existência é a morte; [se] é este o nosso objetivo fatal”⁹, é importante refletir sobre isso.

como Morte e Alteridade, no qual o nosso filósofo faz uma análise do modo como a morte é percebida pela sociedade ocidental contemporânea, principalmente, quanto ao trabalho de luto gerado por essas percepções. Seguem-se a este último, três obras publicadas até 2005: (a) *Filosofia do Zen-Budismo* (2002), (b) *O que é o Poder?* (c) *Hegel e o Poder*.

⁵ MONTAIGNE, p.31: “Votei-o em particular a meus parentes e amigos e isso a fim de que, quando eu não for mais deste mundo (o que em breve acontecerá), possam eles encontrar algum traço do meu caráter”.

⁶ VAZ, 2008, p.7.

⁷ “Some of Montaigne’s early essays took up Stoicism’s themes, especially the contemplation of death, but he clearly rejected Stoic insistence on indifference to joy and suffering and the complete denigration of the passions”. Cf. LANGER, 2005, p.21.

⁸ MONTAIGNE, I, 20, p.92. As citações deste texto se referem à tradução de Sérgio Milliet para o português. A tradução do inglês de Donald Frame, indicada nas referências, auxiliaram com a divisão crítica do texto de Montaigne.

⁹ MONTAIGNE, L.I,20A, p.54.

Simultaneamente, há também uma tese montaigneana que perpassa as diferentes percepções que a morte tem em sua obra, ou seja, “*não se deve temer a morte, pois ela não é um mal em si*”, como afirma Vaz¹⁰. Nessa tese, Montaigne reconhece que há, da parte das pessoas, certo pavor relacionado com a morte e o morrer. Justamente para aprender a não temer a morte que Montaigne formulou seu modelo de preparação para a morte, a fim de manter o domínio de si mesmo. É nesse sentido que parece caminhar a seguinte passagem de Montaigne: “O corpo curvado tem menos força para carregar um fardo; o mesmo ocorre com a alma, que é preciso fortalecer e pôr em condição de resistir à opressão causada pelo medo da morte”¹¹. Portanto, o preparar-se para a morte é também um dos objetivos de Montaigne em seus *Ensaaios*.

A ideia de preparação para a morte no primeiro Montaigne foi descrita por Lúcio Vaz como contendo dois movimentos distintos entre as camadas dos *Ensaaios*. O primeiro movimento seria a *simulação*, que seria mais que uma mera reflexão teórico-argumentativa como Sêneca, por exemplo, além de “incorporar essas táticas teóricas, acentua o peso da imaginação da própria morte, como uma ficção ou sequência de ficções macabras que se colocam diante de um personagem singular – ele próprio”¹². O segundo seria a *predisposição natural*, isto é, uma inclinação própria da natureza humana que, por meio da doença, da velhice e da experiência pessoal da queda, faria com que qualquer pessoa, vulgo ou culto, alcançasse a sabedoria e a resolução no momento da morte¹³. Neste texto trataremos apenas do primeiro movimento, ainda que ambos os modos sejam complementares.

A simulação da morte montaigneana utiliza dos recursos da imaginação, os quais o filósofo de Bourdeaux tratou de explicar noutro de seus ensaios¹⁴, para antecipar na mente a experiência da final da morte, como o próprio Montaigne afirmou em determinada passagem:

Não há nada que minha imaginação vasculhe mais do que a idéia da morte, e isso desde sempre, mesmo no período de minha vida em que mais me dediquei aos prazeres [...]. Entre senhoras e festas, imaginavam que andasse preocupado a remoer algum ciúme ou à espera inquieta de qualquer acontecimento, enquanto, na realidade, meu pensamento se orientava para não sei quem que, dias antes, ao sair de festa semelhante, entregue ao ócio, ao amor e às doces recordações, fora tomado de febre e morrera. E considerava que coisa análoga me aguardava¹⁵.

Na passagem acima, Montaigne demonstra que a recuperação da memória de um evento funesto qualquer que, de alguma maneira tivesse qualquer tipo de semelhança com uma experiência que estivesse tendo no presente, o fazia imaginar e aplicar a si mesmo a possibilidade de uma igual morte. Montaigne estava consciente de que a reflexão sobre a mortalidade e finitude, ao menos na primeira camada de sua obra, poderiam ser uma forma de preparação para a morte. É por isso que a sua imaginação tratava de vasculhar a possível morte que o espreitava o tempo todo. Afinal, uma forte imaginação produz o evento, com diriam os

¹⁰ VAZ, 2011, p.7.

¹¹ MONTAIGNE, L.I,20A, p.100.

¹² VAZ, 2011, p.18.

¹³ VAZ, 2011, p.8.

¹⁴ Cf. MONTAIGNE, I, 21, pp.105-114.

¹⁵ MONTAIGNE, L.I, 20A, p.97.

escolásticos¹⁶.

Entretanto, não basta rememorar a morte de outrem, seria preciso também pensar na própria morte. A inevitabilidade e imprevisibilidade da morte demonstra a necessidade dessa preparação postulada positivamente pelo primeiro Montaigne¹⁷, como ele próprio considerou na seguinte passagem:

Não sabemos onde a morte nos aguarda, esperemo-la em toda parte. Meditar sobre a morte é meditar sobre a liberdade; quem aprendeu a morrer, desaprendeu de servir; nenhum mal atingirá quem na existência compreendeu que a privação da vida não é um mal; saber morrer nos exime de toda sujeição e constrangimento¹⁸.

Há muito de encorajador nessa passagem. Se a morte é inevitável e imprevisível, o que de fato o é, o ser humano está acorrentado a um destino incerto – vai que um casco de tartaruga, do nada, caia em sua cabeça?¹⁹ – o mínimo a ser feito é desfazer-se tudo aquilo que poderia causar pavor; a liberdade de não ter medo nem da morte e nem da vida. Se “saber morrer nos exime de toda sujeição e constrangimento”; então, a própria vida ganha novas cores e sentidos para aquele que é capaz de contemplar e meditar em sua própria finitude, mas também em sua própria morte.

Mas como fazer isso? Lúcio Vaz responde a esta questão da seguinte forma:

Montaigne nos insta a pensar sempre nela, imaginando eventuais desfechos para nossa vida a cada instante. Destarte, a preparação assume o caráter de simulação premeditada, de ensaio geral de uma companhia de teatro para sua retirada final do palco, assim como um ator, pelo menos um bom ator, vivencia o seu papel e se faz crer nele²⁰.

A metáfora do teatro é bem interessante. Se a experiência da vida é similar a uma encenação teatral qualquer, a preparação para uma saída de cena apoteótica, parece ser bem-vinda. Parece também indicar que fazer a experiência antecipada da morte pelo ensaio e simulação mental dela, o que daria sentido não apenas a vida, mas também a própria morte, uma vez que a hora da morte seria, para Montaigne, um termômetro para se verificar o nível de felicidade experimentada por uma pessoa, já que a felicidade de alguém será verificada apenas depois da morte, como o filósofo de Bourdeaux considerou na seguinte passagem:

Penso que sua intenção seja mais profunda e tenha querido dizer, com isso, que essa felicidade de nossa existência, dependente da tranqüilidade e da satisfação de um espírito reto, da resolução e da firmeza de uma alma serena, não deve ser atribuída ao homem enquanto não representa o último ato – e sem dúvida o mais difícil da comédia de sua vida²¹.

Assim, a disposição final de Montaigne seria poder chegar ao momento derradeiro de sua vida com tamanha tranqüilidade que, quando a morte lhe chegasse, apenas morreria. Isso pode ser percebido numa passagem bucólica, mas ilustra de modo belíssimo a sua intenção ao propor sua simulação. Eis a passagem: “Quero que a morte me surpreenda em pleno trabalho. [...] que a morte nos

¹⁶ MONTAIGNE, L.I, 21A, p.105.

¹⁷ MONTAIGNE, L. I, 20A, p.94.

¹⁸ MONTAIGNE, L.I, 20A, p.97.

¹⁹ MONTAIGNE, L.I, 20A, pp.95-96.

²⁰ VAZ, 2011, p.17.

²¹ MONTAIGNE, L.I, 19A, p.91.

encontre a plantar as nossas couves, mas indiferentes à sua chegada e mais ainda ante as nossas hortas inacabadas”.²².

Entretanto, é preciso perguntar não pela exequibilidade dessa simulação apenas, mas pela prejudicialidade desse constante pensar na morte. Assim é possível fazer os seguintes questionamentos: Quais os impactos da simulação da morte montaigneana? O quanto o familiarizar-se ou simplesmente avizinhar-se da morte²³ pode trazer efeitos negativos sobre as pessoas? A isso, o próprio Montaigne parece responder:

Mas não nos é possível exercitarmos a morrer, o que constitui, entretanto, a mais árdua tarefa que nos cumpre enfrentar. Podemos, pelo hábito e a experiência, fortalecermos contra a dor, a vergonha a indignância etc. No que concerne à morte só podemos experimentar uma vez, e quando chega não passamos todos nós de aprendizes²⁴.

Segundo Lúcio Vaz, a simulação da morte gradualmente dá lugar à predisposição natural para a morte no pensamento do filósofo de Bourdeaux²⁵. De acordo com sua interpretação, Vaz considera que um conjunto de argumentos negativos nas revisões do próprio Montaigne indica que a simulação da morte seria prejudicial e nociva²⁶. Vaz esclarece esse ponto nas seguintes palavras:

[Para Montaigne] a simulação do morrer acarretava certo desprezo da vida. O segundo Montaigne acredita que a doutrina daqueles que propugnam que devemos, através da contínua imaginação dos males possíveis, preparar-nos para os futuros faz-nos fugir ao gozo dos prazeres presentes. A quixotesca produção mental da imagem do morrer recai agora no descrédito da imaginação como faculdade dispersora, voltando-se ao inútil e não mais desfruta do estatuto positivo de que gozava antes²⁷.

Chama a atenção no texto do comentador, a atribuição de adjetivos como *quixotesca* e *dispersora* à imaginação ou simulação da morte. Por um lado, quixotesca pode indicar um certo grau de loucura ou mesmo ingenuidade sonhadora; por outra, ainda que complementarmente, indica que algo que não alcança metas objetivas. Em todo caso, ambas alienariam o ser humano daquilo que poderia ser prazeroso, fazendo-o focar no que é doloroso e angustiante. Resumindo, ainda que em dado momento Montaigne estivesse idealizando um fim proveitoso para uma reflexão positiva sobre a morte, o resultado, algo que ele próprio parece reconhecer, é um estado mental em certo grau de sofrimento e angústia; um estado que pode ser descrito como de permanente luto.

2 O TRABALHO DE LUTO HANIANO

Cabe agora, a apresentação daquilo que Byung-Chul Han tem denominado de trabalho de luto. A primeira vez que Han trabalhou esta ideia é em sua obra inicial O Coração de Heidegger (*Heideggers Herz*), de 1996. Trata-se de sua tese doutoral em que o filósofo sul-coreano analisa o conceito de *Stimmung*, que o tradutor de Han traduziu por “tonalidade afetiva”, na filosofia de Martin Heidegger,

²² MONTAIGNE, L.I, 20A, p.99.

²³ Cf. MONTAIGNE, L.II, 6A, p.320

²⁴ MONTAIGNE, L.II, 6A, pp.319-320.

²⁵ VAZ, 2011, pp.29-30.

²⁶ VAZ, 2011, p.39.

²⁷ VAZ, 2011, pp.40-41.

buscando uma possibilidade de uma superação do ser fechado e narcisista heideggeriano²⁸, bem como a superação dos resquícios do pensamento metafísico na filosofia do filósofo da Floresta Negra²⁹. Entretanto, para compreender o que é o trabalho de luto para Han é necessário, primeiramente, entender o seu conceito de luto iniciado em *O Coração de Heidegger*. Para Han, o fundamento do luto é a dor³⁰. Esse segundo tipo de luto é o que Han denomina de trabalho de luto.

Para Han, a meta oculta do coração, que se constitui na principal preocupação do arquivo cardíaco da história da filosofia ocidental, é matar a morte³¹. A esse esforço por matar a morte, isto é, superar a dor e negatividade simbolizada pela morte, aplica-se o conceito psicanalítico de trabalho de luto (*Trauerarbeit*). Esse conceito aparece em Luto e Melancolia, de 1917, onde Freud o utiliza para designar o esforço do sujeito em fazer desviar toda a libido do objeto amado morto. Esse esforço intrapsíquico, esclarece Freud, é contrário à disposição do sujeito que, por inclinação própria, fixa-se ao objeto perdido³². Por sua vez, Han amplia esse conceito, como ele próprio esclarece, ao afirmar que “o termo trabalho de luto é extrapolado do contexto psicanalítico e enxertado na filosofia hegeliana”³³.

Assim, o trabalho de luto haniano enxertado pela dialética de Hegel designa todas as demandas, processos e esforços do ser humano contra quaisquer tipos de sofrimento e negatividade tanto por si mesmo como pelo outro, antecipando aquele trabalho humano do luto. Han descreve esse processo dialético nas seguintes palavras:

Hegel faz que o negativo trabalhe, convertendo-o no “laborioso negativo”. O trabalho dialético, que consiste essencialmente em parar, adorna a sepultura, protege o espírito aflito de cair no abismo. O trabalho do negativo, como trabalho de luto, trabalha para assumir a experiência original do totalmente outro [...]. A dor, que se anuncia a diferença e o outro, se transforma no prazer e na liberdade da autofelação. [...] O ciclo completado põe fim a dor e ao desgarramento³⁴.

Na obra *Todesarten*, de 1998 (traduzida para o português com o título *Rostos da Morte*, em 2021), Han se propõe a descrever alguns *tipos de morte*³⁵. Contudo, o filósofo sul-coreano não investe um tempo para definir o que ele chama de “tipo de morte”, termo que, aliás, aparece apenas uma única vez no texto inteiro, sendo justamente a referência indicada anteriormente. No entanto, numa leitura preliminar, é possível considerar que, por tipo de morte, Han entende e se refere às atitudes filosóficas de alguns pensadores desenvolveram diante de suas próprias reflexões e experiência diante da morte, o que, de alguma maneira, também pode

²⁸ HAN, 2021a, pp.10-11.

²⁹ HAN, 2024.

³⁰ HAN, 2024, p.328.

³¹ HAN, 2021, p.263. O axioma – matar a morte – que Han repete a exaustão é uma corruptela de uma conclusão de Daniel Lagache, num texto intitulado *Travail du deuil*, de 1938, no qual se lê: “Le but du deuil est d’accomplir un clivage entre le mort et les survivants. Ses moyens consistent à transposer sur le plan humain le fait biologique, c’est-à-dire à “tuer le mort” [O objetivo do luto é criar uma divisão entre os mortos e os sobreviventes. O seu meio consiste em transpor o facto biológico para o nível humano, ou seja, em “matar os mortos”. Cf. LAGACHE, 1938, p.9]. Cf. LAPLANCHE; PONTALIS, 2008, pp. 509-511.

³² FREUD, 1945, p.430.

³³ HAN, 2021a, p.264

³⁴ HAN, 2021a, p.265.

³⁵ HAN, 2021b, p.10.

ser verificado na experiência do ser humano comum. Mesmo em *Todesarten*, Han faz o uso massivo dos termos luto (*Trauer*) e trabalho de luto (*Trauerarbeit*)³⁶. Isso parece indicar que, embora careça de maior detalhamento e investigação, que os *Todesarten* e *Trauerarbeit* possui algum nível de intercambialidade, que ainda carece de uma atenção mais detida.

Dito isso, é preciso considerar que o conceito de trabalho de luto em *Todesarten* traz as mesmas percepções vistas em *Heideggers Herz*, isto é, uma disposição do ser humano em lidar com a problemática da morte³⁷, por meio de um processo dialético de transformação da negatividade em superação de caráter econômico³⁸ e, por fim, matando a morte.

Em *Morte e Alteridade*, Han agrega ao conceito de trabalho de luto a ideia de que o ser humano sempre age reativamente diante da morte³⁹. Essas reações têm um caráter heroico, como é por ele apontado, e parecem estar nos extremos do luto. Embora seja possível falar de outras formas de reações ltuosas que expressem o sentimento angustiado do sujeito em lidar com a sua mortalidade e finitude⁴⁰. Desta forma, a reatividade humana à morte teria como grande objetivo o de “matar a morte”⁴¹, que é o axioma sempre lembrado por Han. Assim, o trabalho de luto haniano consistiria em todos os modos de se tentar mitigar a angústia humana diante da morte, por meio de quaisquer artifícios tanto filosóficos⁴² ou mesmo religiosos⁴³.

Mas porque esse tipo de reação seria mal vista por Han? Ainda que a obra *Morte e Alteridade* seja anterior a *Sociedade do Cansaço*, texto que colocou os holofotes da opinião pública sob Han, há de se considerar que o filósofo sul-coreano escreve para o ser humano contemporâneo de uma sociedade bem diferente daquela que, por exemplo, Heidegger, Lévinas ou tanto mais Montaigne escreveram. Han escreve para a sociedade pós-moderna, a mesma sociedade que ele chamará, no desenvolvimento de seu pensamento, de *a sociedade do desempenho*⁴⁴, cuja constante transformação dialética do negativo em positivo a imergiu num excesso de positividade que parece ser uma das causas hanianas da sua crise⁴⁵. Aliás, uma sociedade radicalmente oposta a toda e qualquer forma de negatividade⁴⁶, negatividade que se expressa na repulsa e expulsão do outro, sendo a morte o outro absoluto⁴⁷. E, como afirma Han, “a morte é o outro da identidade, ou seja, a negatividade da transformação”⁴⁸. Para o sujeito do desempenho, lidar com o outro, seja ele o outro que for, é demasiadamente angustiante. E nisso reside a crítica de Byung-Chul Han: a dificuldade da sociedade do desempenho em lidar com o que é negativo.

A morte se insere na sociedade do desempenho haniana como a expressão

³⁶ Tomando como referência o texto em alemão, há uma ocorrência de *Trauer* (101 vezes); *Trauerarbeit* (18 vezes) e *Trauern* (9 vezes). Cf. HAN, 1998.

³⁷ HAN, 2021b, p.14.

³⁸ HAN, 2021b, p.34.

³⁹ HAN, 2022a, p.28

⁴⁰ HAN, 2022a, p.170.

⁴¹ HAN, 2022a, p.22.

⁴² Essa é a tônica da discussão de Han tanto com Heidegger como Lévinas em *Morte e Alteridade*.

⁴³ HAN, 2021c, p.44: “as religiões enquanto técnica da morte, suprimindo o medo da morte e produzindo um sentimento de duração, tornaram-se obsoletas”.

⁴⁴ Cf. HAN, 2021c, p.26.

⁴⁵ HAN, 2021c, p.28.

⁴⁶ Cf. HAN, 2021c, pp.24-25.

⁴⁷ HAN, 2022a, p.206.

⁴⁸ HAN, 2022a, p.20.

mais intensa e dramática da negatividade que o ser humano enfrenta em sua existência e da qual procura se livrar positivamente de diversas formas. A superação da morte se transforma, então, como nas épocas anteriores, numa busca pela mitigação da angústia e do temor diante da morte. *O como não temer a morte*, que persegue o ser humano ao longo de toda a sua história, continua carecendo de uma resposta. E para Han, ao menos de maneira mais específica em *Morte e Alteridade*, essas re-ações são sempre agitadas, angustiadas e carregadas da negatividade contra as quais reagem. É por isso, que Han indica a necessidade de uma reflexão. Ele próprio se dedica a isto, que alcance um outro tipo de ser para a morte (*Sein zum Tod*), cuja consciência da mortalidade conduza a um tipo de re-ação serena e amável⁴⁹. A serenidade é oposta a angústia e ao temor.

3 A SIMULAÇÃO DA MORTE COMO UM TRABALHO DE LUTO

Apresentados os dois conceitos, o de Montaigne e do Han, é preciso demonstrar neste momento o porquê, à luz do pensamento de Byung-Chul Han, a simulação da morte do primeiro Montaigne seria um trabalho de luto e, portanto, desaconselhável dentro da perspectiva haniana. Desta maneira, pode-se considerar os seguintes pontos. Em primeiro lugar, deve-se ter em mente que a simulação da morte montaigneana, como uma série de estratégias argumentativas e ações, é um esforço com um objetivo bem determinado de eliminar o medo da morte⁵⁰. Eliminar esse medo montaigneano da morte tem o mesmo sentido de *matar a morte*, que é a definição haniana de trabalho de luto⁵¹. Trata-se de uma constatação bem simples, porém, é preciso entender que o modo de encarar o trabalho de luto é que se torna o grande problema para Han.

Numa brevíssima passagem, Han afirma: “o trabalho de luto resseca a mente”⁵². Por “ressecar a mente”, é uma descrição de como o processo de lidar com o luto pode levar a uma diminuição das emoções ou a uma espécie de insensibilização emocional. A mente é esvaziada daquilo que lhe dá vitalidade. A experiência concreta do luto diante das perdas, sejam elas quais forem, mas principalmente a ocasionada pela morte, é em extremo dolorosa e angustiante. Logo, a antecipação da experiência do luto por meio de estratégias mentais seria também a antecipação do sofrimento lutuoso, que por sua vez prematuramente resseca a mente. A propósito, Montaigne chegou a essa conclusão ao abandonar a simulação em favor da predisposição natural, principalmente, levando em consideração a sua nocividade, como foi dito neste trabalho. Neste sentido, a passagem seguinte de Montaigne concorda com a ideia de Han:

Nunca vi nenhum labrego a meditar sobre a última hora. A natureza ensina ali só pensar na morte quando a morte chega e, então, conduz-se

⁴⁹ HAN, 2022a, p.28-29.

⁵⁰ Cf. MONTAIGNE, L.I,20A, p.100.

⁵¹ Cf. HAN, 2021a, p.264. É bem verdade que Han, em seus livros *Filosofia do Zen Budismo* (2002 [2022]) e *Morte e Alteridade* (2002 [2022]), fala de um tipo de luto próprio ligado ao zen-budismo que, por meio do processo *sunyata*, o sujeito tem a experiência da “*grande morte*”, que é um tipo de esvaziamento abnegado do si-mesmo autorreferenciado e simultânea abertura para outros entes e outras coisas. [...]. Contudo, essa seria uma experiência do luto, da dor que se processa no *entre* do ser, dor própria da experiência da finitude, e como tal o *luto zen* não é um trabalho de luto, porque ele não opera dialética e economicamente como é o caso da simulação da morte de Montaigne.

⁵² HAN, 2022a, p.82.

melhor do que Aristóteles, por quanto este duplamente se angustia, e por causa da morte em si, e por causa da longa meditação que ele dedicou. Sou da opinião de César o qual achava que a morte mais feliz é aquela em que não pensamos. Afligir-se de antemão é afligir-se demasiado. A ideia da morte só se nos torna aflitiva em consequência de nossa curiosidade; sempre nos prejudicamos na ânsia de nos anteciparmos a natureza e de orientá-la⁵³.

O labrego ou o vulgo se exime em se referir ou mesmo pesar na morte. No primeiro Montaigne, o culto, a enfrentaria, uma vez que seria possível, por analogia, dizer “que o remédio do culto consiste em pensar na morte”. Entretanto, no segundo Montaigne essa ideia apresenta sua nocividade. Para Lúcio Vaz, há uma espécie de mudança na própria percepção moral no segundo Montaigne, que o faz perceber que “a vida e a volúpia que conjuga força e prazer e que nos provê com o destemor da morte seja o propósito de nossas ações”⁵⁴. De alguma maneira, a intenção de Han é auxiliar o sujeito do desempenho pós-moderno a uma mudança de percepção semelhante a feita por Montaigne; uma percepção que o libertaria da angústia opressiva de superar a morte através de um esforço produtivo.

Em segundo lugar, a busca para se conquistar o destemor da morte pressupõe que há um temor inicial, que é uma reação à angústia. Ao considerar a ideia de trabalho de luto de Han, encontra-se nela o entendimento que o modo como se reage a morte, isto é, o afeto que conduz a essa reação, é o que determina o tipo de ser para a morte assumido pelo ser humano. No caso de Montaigne, o afeto negativo que determina a atitude diante da morte é o medo. Veja-se a seguinte passagem:

A meta de nossa existência é a morte; é este o nosso objetivo fatal. Se nos apavora, como poderemos dar um passo à frente sem tremer? O remédio do homem vulgar consiste em não pensar na morte. Mas quanta estupidez será precisa para uma tal cegueira? Não há como estranhar caia tão amiúde na armadilha. As pessoas se apavoram simplesmente com o ouvir o nome: a morte! [...] E como ela é mencionada nos testamentos, só resolvem fazer o seu quando os condenou o médico. E Deus sabe em que estado de espírito se encontram então, sob o impacto da dor e do pavor⁵⁵. [grifo nosso]

O pavor, o tremor e o impacto da dor diante da morte assustam os seres humanos. Kant dizia que esse era um medo infantil⁵⁶. Seja aquele temor que emerge a partir de um estado de sofrimento imposto por uma enfermidade ou por uma reflexão detida sobre a morte, como é o caso de uma preparação para a morte. Seja ainda aquele pavor da incerteza do que se segue, não apenas o porvir religioso, mas também aquele porvir sabido de miasmas e putrefações, que Kant entende ser o verdadeiro medo do ser humano⁵⁷. O fato é que Montaigne sabe o que é temer, se assim não fosse, qual a razão de uma preparação?

A busca montaigneana por uma indiferença animalesca demonstra o seu termo e receio⁵⁸. Vaz interpreta a expressão francesa “*nonchalance bestiale*”, utilizada por Montaigne, como uma disposição que remete a indiferença de um animal, o que denotaria mais do um termômetro emocional, indicando também “um

⁵³ MONTAIGNE, L.III, 12, p.345.

⁵⁴ VAZ, 2011, p.41.

⁵⁵ MONTAIGNE, L.I, 20, p.94

⁵⁶ KANT, 2006, p.110.

⁵⁷ KANT, 2006, pp.65-65.

⁵⁸ MONTAIGNE, L.I, 20A, p.96.

desdém pela sequência futura dos acontecimentos”⁵⁹. Pelo que Montaigne se apavora? Ele próprio dá uma resposta a isso:

É loucura, porém, querer furtar-se assim a essa ideia [de pensar na morte]. Vai-se, volta-se, corre-se, dança-se: nenhuma notícia da morte, que beleza! Mas quando ela nos cai em cima, ou em cima de nossas mulheres, nossos filhos, nossos amigos, que os surpreenda ou não, quantos tormentos, gritos, imprecações, desespero! Vistes alguém mais humilhado, transtornado, confundido? É preciso preocupar-se com ela de antemão. [...] Se a morte fosse um inimigo suscetível de se evitar, aconselharia agir diante dela como um covarde diante do perigo; mas, em não sendo isso verdade, e atingindo ela infalivelmente os fugitivos, poltrões ou valentes. [...] “Persegue o homem em sua fuga e não poupa nem mesmo a tímida juventude que tenta escapar-lhe” [Horácio]; como nenhuma couraça nos protege contra ela, “Cobri-vos de ferro e de bronze, a morte vos atingirá sob a armadura” [Horácio], aprendamos a esperá-la de pé firme e a lutar⁶⁰.

Observando atentamente essas palavras, o medo de Montaigne, ou de qualquer outro ser humano, seria um medo por si. Medo do incerto, medo da perda de um ente amado e mesmo sua própria morte; dito de outra forma, o medo da perda de algo de si e a perda de si⁶¹, como, em certa passagem, Montaigne afirmou: “E, com efeito, o sábio nada perde em conservando a posse de si mesmo”⁶². E essa afirmação parece mais que um aforismo diante da solidão imposta por um naufrágio; antes, pode ser aplicada a qualquer possibilidade experiencial de um viver só, inclusive, a morte. Contudo, o medo, que ora põe “asas em nossos pés como no caso dos porta-estandartes, ora nos prega ao solo e nos imobiliza”⁶³, é entendido como um sentimento de autopreservação e, portanto, autorreferente e egoísta. Han escreve:

O temente está preocupado consigo, com a sua sobrevivência. Ele se atemoriza diante da morte. O temente pode ser “esquecido de si”, permanece, porém, referido a si. Sua camada intencional profunda não é essencialmente distinta daquela de um agente consciente⁶⁴.

É nesse sentido também que para Han a simulação da morte Montaigne pode ser considerada um trabalho de luto a ser transformado, porquanto, o filósofo sul-coreano propõe, desde *Heideggers Herz*,⁶⁵ a necessidade de um voltar-se para o outro, libertando-se do feitiço do igual, opondo-se a Heidegger, mas sem se perder no outro, opondo-se a Lévinas.

Em oposição ao medo que exige a autopreservação de si mesmo montaigneano, pode-se recorrer a uma passagem de Morte e Alteridade em que Han, se baseia no ensaísta e romancista búlgaro Elias Canetti, sobre o qual Han afirma que “odeia a morte”⁶⁶. Para Han, o que leva Canetti tanto ao ódio como a recusa da morte “não é o temor diante da própria morte, mas sim a responsabilidade frente ao viver-aqui e frente ao outro”⁶⁷. A proposta haniana parece ser simplista,

⁵⁹ VAZ, 2011, p.47.

⁶⁰ MONTAIGNE, L.I, 20, p.96-97.

⁶¹ VAZ, 2011, p.37.

⁶² MONTAIGNE, L.I, 39, p.221.

⁶³ MONTAIGNE, L.I, 18, p.89.

⁶⁴ HAN, 2022a, p.117.

⁶⁵ HAN, 2021a, p.11.

⁶⁶ HAN, 2022a, p.324.

⁶⁷ HAN, 2022a, p.374.

mas não é o que me parece. Antes, Han parece dar uma nova percepção da morte como “o ponto zero da vida, onde [ela] começa”⁶⁸, como se o estar entregue a morte fosse capaz de abrir o sujeito para além de si mesmo

Ao apropriar-se de Canetti, Han quer intensificar a percepção de que a existência humana precisa ser assumida com uma responsabilidade vivaz e não numa rigidez paralisante. De alguma maneira é justamente a percepção do segundo Montaigne que não mais se furta aos prazeres de uma festa, enquanto simula em sua mente todos os tipos de morte possíveis⁶⁹, mas, antes, toma uma das moças da festa e se põe a dançar. Ou, nas palavras de Vaz, o segundo Montaigne entende que “a vida e a volúpia que conjuga força e prazer e que nos provê com o destemor da morte seja o propósito de nossas ações”⁷⁰.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho foram apresentados dois entendimentos distintos: a simulação da morte do primeiro Montaigne e o trabalho de luto de Byung-Chul Han. Procurou-se também fazer um exercício dialogal entre ambos os conceitos, submetendo o de Montaigne ao escrutínio do de Han. A questão, neste momento, é considerar os resultados percebidos até aqui.

Em primeiro lugar, algo a ser considerado é que a simulação da morte montaigneana poderia ser configurada como um trabalho de luto do modelo haniano. Entretanto, ao se considerar o todo da ideia da preparação para morte do filósofo de Bourdeaux, tendo como referência a diferenciação *vaziana*, o segundo movimento dessa preparação, isso é, a predisposição natural, funcionaria como uma espécie de antídoto contra o que há de lutuoso na simulação e, portanto, passível da crítica de Han. Possivelmente, Han não objetaria aquilo que Vaz denominou de “*predisposição natural*”, porquanto, esse método parece encarar com mais naturalidade a morte do que a *simulação*, ao mesmo tempo em que privilegia a vida humana em todas as suas idiossincrasias.

A segunda consideração a ser feita, sendo importante deixar bem claro, é que Montaigne e Han têm um ponto de contato digno de nota, isto é, a busca por uma ataraxia para o seu tempo. Está claro a influência estoica sobre Montaigne, ao passo que a influência sobre Han tem mais a ver com o zen-budismo, mas sobre isso ainda falta verificação e leitura. Entretanto, a busca de ambos os movimentos, à sua maneira místicos, tem como meta um estado de imperturbabilidade por toda a vida, inclusive diante da morte⁷¹. Assim e em algum sentido, as noções de *nonchalance* e *Gelassenheit* parecem indicar a mesma disposição para a tranquilidade, que é o sentido da ataraxia⁷².

Esse ponto de contato ressalva e indica uma busca que me parece ser demasiada humana, uma busca por estabilidade diante do mundo da vida, que está repleto de inseguranças e incerteza (cair de um porco ou ter um casco de tartaruga atingindo sua cabeça são coisas possíveis de acontecer). E tanto Montaigne como Han parecem perceber que o seu próprio tempo não apenas cheio de estranhezas

⁶⁸ HAN, 2021b, p.9.

⁶⁹ MONTAIGNE, L.I, 20, p.97.

⁷⁰ VAZ, 2011, p.41.

⁷¹ Sobre o Zen-Budismo, Han afirma: “Diante da morte, o Zen Budismo cultiva uma atitude de deixar ir [Gelassenheit] que está livre de heroísmo e desejo, que acompanha a finitude, por assim dizer, em vez de trabalhando contra isso”. Cf. HAN, 2022b, p.76

⁷² Cf. ABBAGNANO, 2007, p.87.

negativas, mas há neles estranhas benesses que podem e devem ser experimentadas. O ponto me parece ser o seguinte: ao contemplar a morte e seus horrores, volte-se a vida e faça valer a pena viver.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**, 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BRUGGER, Walter. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Herder, 1962.

FREUD, Sigmund. **Trauer und Melancholie**. In: *Gesammelte Werke*, Band. X. London: Imago Publishing Co, 1945.

HAN, Byung-Chul. **El Corazón de Heidegger**. Barcelona: Herder, 2021a.

_____, Byung-Chul. **Morte e Alteridade**. Petrópolis: Vozes, 2022a.

_____, Byung-Chul. **Rostos da Morte**. Lisboa: Relógio D'Água, 2021b.

_____, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**, 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2021c.

_____, Byung-Chul. **The Philosophy of Zen Buddhism**. Cambridge: Polity Press, 2022b.

_____, Byung-Chul. **Todesarten: Philosophische Untersuchungen zum Tod**. München: Wilhelm Fink, 1998.

HEIDEGGER, Martin. **Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão**, 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

KANT, Immanuel. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

LAGACHE, Daniel. **Le travail de deuil**. In: *Revue Française de Psychanalyse*, volume 16, n°4, 1938, pp.7-22. Paris, Les éditions Denoël, 1939. Disponível em: <<https://www.histoiredelafolie.fr/magie-religion/le-travail-du-deuil-ethnologie-et-psychanalyse-par-daniel-lagache-1938>>. Acesso em: 17 de dez. de 2023.

LANGER, Ullrich (ed.). **The Cambridge Companion to Montaigne**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand L. **Vocabulário da Psicanálise**, 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MONTAIGNE, Michel. **The Complete Works**, trad. Donald M. Frame. New York: Alfred A. Knopf, 2003.

_____, Michel. **Ensaio**, v.1. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

_____, Michel. **Ensaio**, v.2. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

LANGENSCHIEDT TASCHENWÖRTERBUCH PORTUGIESISCH. München:
Langenscheidt Verlag, 2001.

TOCHTROP, Leonardo. Dicionário Alemão-Português. 6.ed. Rio de Janeiro: Globo,
1984.

VAZ, Lucio. **Simulação da Morte**: Versão e Aversão. São Paulo: Perspectiva, 2011.